OS CRIMES DA RUA MORGUE

Que canção cantavam as sereias? Que nome tomara Aquiles quando se ocultou entre as mulheres? Perguntas são estas de embaraçosa resposta, é certo, mas que não estão fora de possíveis conjeturas.

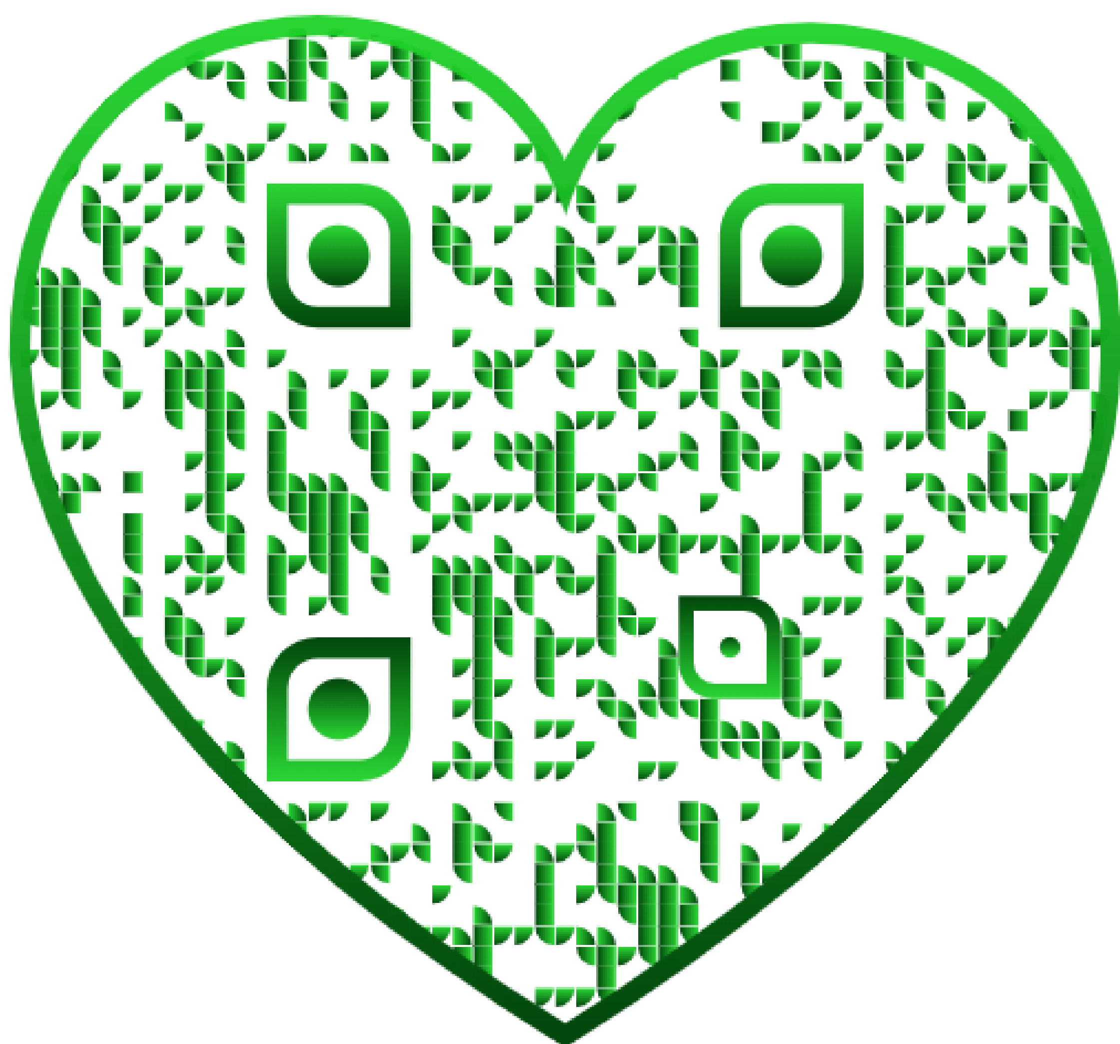
SIR THOMAS BROWNE: Urn-Burial.

As faculdades do espírito, denominadas analíticas, são , em si mesmas, bem pouco suscetíveis de análise. Apreciamo-las somente em seus efeitos. O que delas sabemos, entre outras coisas, é que são sempre, para quem as possui em grau extraordinário, fonte do mais intenso prazer. Da mesma forma que o homem forte se rejubila com suas aptidões físicas, deleitando-se com os exercícios que põem em atividade seus músculos, exultam os analistas com essa atividade espiritual, cuja função é destrinchar enredos. Acha prazer até mesmo nas circunstâncias mais triviais desde que ponham em jogo seu talento. Adora os enigmas , as advinhas, os hieróglifos, exibindo nas soluções de todos eles um poder de acuidade, que, para o vulgo, toma o aspecto de coisa sobrenatural. Seus resultados, alcançados apenas pela própria alma e essência , têm, na verdade, ares de intuição.

Essa faculdade de resolução é, talvez, bastante revigorada pelo estudo da matemática e especialmente pelo do mais alto ramo desta, que injustamente e tão só por causa de suas operações retrógradas, tem sido denominada de análise. Como se fosse a análise por excelência. No entanto o cálculo em si mesmo não é análise. O jogador de xadrez por exemplo, exercita um, sem fazer uso da outra. Daí decorre ser o jogo de xadrez grandemente mal apreciado nos seus efeitos sobre a natureza mental.

Não pretendo escrever aqui um tratado, mas simplesmente prefaciar uma estória bastante singular com algumas observações um tanto à ligeira . Aproveitarei , pois, a ocasião para afirmar que os mais altos poderes do intelecto reflexivo se põem mais decidida e mais utilmente à prova no modesto jogo de damas do que em todas as complicadas frivolidades do xadrez. Neste último jogo, em que as peças têm movimentos diferentes e estranhos, com diversos e variados valores, o que é complexo - erro bastante comum - se confunde com o que é profundo. A atenção é nele posta poderosamente em jogo. Se ela se distrai por um instante, comete-se um erro que resulta em perda ou em derrota.

Como os movimentos possíveis não são somente múltiplos, como também intrincados, as possibilidades de tais enganos se multiplicam. E em nove casos dentre dez é o jogador mais atento, e não mais hábil, quem ganha. No jogo de damas, pelo contrário, e que os movimentos são únicos e pouco variam, as probabilidades de engano ficam diminuídas e, a atenção não estando de todo absorvida, todas as vantagens obtidas pelos jogadores só o são graças uma perspicácia superior.



Concretizando o que dissemos, suponhamos um jogo de dama em que as pedras fiquem reduzidas a quatro damas, e onde, sem dúvida, não se deve esperar engano algum. É evidente que aqui a vitória pode ser decidida - estando as duas partes em iguais condições - somente por algum movimento muito hábil, resultado dum forte esforço intelectual. Privado dos recursos habituais, o analista coloca-se no lugar de seu adversário, identifica-se com ele não poucas vezes descobre, num simples relance de vista, o único meio - às vezes absurdamente simples - de induzi-lo a um erro ou precipitá-lo num cálculo errado.

O jogo de whist tem sido famoso desde muito por sua influência sobre o que se chama "faculdade de calcular" e conhecem-se homens do elevado valor intelectual que dele auferem um deleite aparentemente inacreditável, ao passo que menosprezam o jogo de xadrez como frívolo. É fora de dúvida que nenhum jogo análogo existe que tão grandemente exercite a faculdade de análise. O melhor jogador de xadrez da cristandade não passa de ser o melhor enxadrista; mas o jogador proficiente de whist tem capacidade de êxito em todas as especulações de bem maior importância, em que o espírito luta com o espírito. Quando digo jogador proficiente, quero significar essa perfeição no jogo, que inclui o conhecimento de todas as fontes donde pode derivar um proveito legítimo. E estas não são apenas numerosas, mas complexas, e jazem freqüentemente em recessos do pensamento, totalmente inacessíveis a uma inteligência comum.

Observar atentamente equivale a recordar com clareza; e, conseqüentemente, o jogador de xadrez capaz de concentração intensa será bom jogador de whist, porquanto as regras de Hoyle, baseada apenas no simples mecanismo do jogo, são geralmente bastante inteligíveis. Por isso, ter uma boa memória e jogar de acordo com "livro" são pontos comumente encarados como o sumo do bem jogar. Mas é nas questões acima dos limites da simples regra que se evidencia o talento do analista. Em silêncio, faz ele uma série enorme de observações e inferências. O mesmo talvez façam seus parceiros e a diferença de extensão das informações obtidas não se encontra tanto na validade da dedução como na qualidade da observação.

O necessário é saber o que se tem de observar. Nosso jogador não se confina no seu jogo, nem rejeita deduções nascidas de coisas externas ao jogo, somente porque é o jogo seu objetivo do momento. Examina a fisionomia do parceiro, comparando-a cuidadosamente com a de cada um de seus adversários. Considera a maneira pela qual são arrumadas as cartas em cada mão; e muitas vezes conta pelos olhares lançados pelos seus possuidores às suas cartas, os trunfos e figuras que têm.

Nota cada movimento do rosto, à medida que o jogo se adianta, coligindo um cabedal de idéias, graças às diferenças fisionômicas indicativas de certeza, surpresa, triunfo, ou pesar. Da maneira de recolher uma vasa, adivinha se a pessoa pode fazer outra da mesma espécie. Reconhece um jogo fingido da maneira com que é lançada a carta na mesa. Uma palavra casual ou inadvertida, uma carta que cai acidentalmente, ou que é virada, e o conseqüente olhar de ansiedade ou despreocupação com que é apanhada, a contagem das vasas pela sua ordem de arrumação, embaraço, a hesitação, a angústia ou a trepidação, tudo isso são sintomas para sua percepção aparentemente intuitiva, do verdadeiro estado das coisas. Realizadas as duas ou três primeiras jogadas, está ele de posse completa das cartas que estão em cada mão e portanto, joga suas cartas com uma tão absoluta precisão como se o resto dos jogadores houvesse mostrado as suas.

O poder analítico não deve confundir-se com a simples engenhosidade porque, se bem que seja o analista necessariamente engenhoso, muitas vezes acontece que o homem engenhoso é notavelmente incapaz de análise. A capacidade de construtividade e de combinação, por meio da qual usualmente se manifesta a engenhosidade e à qual os

frenólogos (a meu ver, erroneamente) atribuem um órgão separado, supondo-a uma faculdade primordial, tem sido tão freqüentemente encontrada naqueles cujo intelecto está quase nos limites da idiotia, que atraiu a atenção geral dos tratadistas de moral social. Entre o engenho e a habilidade analítica existe uma diferença muito maior, na verdade, do que entre a fantasia e a imaginação, mas de caráter estritamente análogo.

Verificar-se-á, com efeito, que os homens engenhosos são sempre fantasistas e os verdadeiramente imaginativos são, por sua vez, sempre analíticos. A estória que se segue aparecerá ao leitor como um comentário luminoso das proposições que acabo de anunciar.

Residindo em Paris, durante a primavera e parte do verão de 18..., travei ali conhecimento com um Sr. C. Augusto Dupin, jovem cavalheiro de excelente e ilustre família. Em conseqüência duma série de acontecimentos desastrosos, ficara reduzido a tal pobreza que a energia de seu caráter sucumbira aos reveses, tendo ele deixado de freqüentar a sociedade e de esforçar-se em recuperar sua fortuna. Graças à condescendência de seus credores, mantinha-se ainda de posse dum resto de seu patrimônio, com cuja renda conseguia, com rigorosa economia, prover-se do necessário, sem cuidar de coisas supérfluas. Tinha na verdade um único luxo: os livros, que, em Paris, podem ser adquiridos a baixo custo.

Nosso primeiro encontro se deu numa escura livraria da Rua Montmartre , onde o acaso de estarmos à procura do mesmo livro, notável e raro, nos fez entrar em estreitas relações. Via-mo-nos freqüentemente. Interessou-me intensamente a pequena estória de família que ele me contou, com toda aquela sinceridade característica do francês, quando se trata de si mesmo. Causou-me também admiração a vasta extensão de suas leituras e, acima de tudo, empolgaram-me a alma o intenso fervor e a vívida frescura de sua imaginação. Procurando em Paris certas coisas que me interessavam, vi que a convivência com tal homem seria para mim tesouro inapreciável.

E isso mesmo, francamente, lho disse. Resolvemos por fim morar juntos durante minha permanência em Paris e, como minha situação financeira era muito melhor que a dele, a mim coube a despesa de alugar e mobiliar, num estilo adequado à um tanto fantástica melancolia de nossos caracteres, uma velha e grotesca casinha, quase em ruínas, há muito desabitada, em virtude de superstições de que não indagamos, e situada em solitário recanto do bairro de São Germano.

Se a rotina da vida que ali levávamos viesse a ser conhecida do mundo, ter-nos-iam como doidos ou, talvez, por simples malucos inofensivos... Nossa reclusão era completa. Não recebíamos visitas. Para dizer a verdade, tínhamos mantido sigilo absoluto a respeito do lugar de nosso retiro até mesmo para com nossos antigos camaradas. Havia muitos anos que Dupin cessara de travar novos conhecimentos, ou de ser conhecido em Paris. Vivíamos, pois, sozinhos os dois.

Tinha meu amigo uma esquisitice - que outro nome posso lhe senão esse? - que era a de amar a noite por amor da noite. E dessa esquisitice, bem como de todas as outras dele, me deixei eu contagiar, abandonando-me ao sabor de suas extravagantes originalidades. A negra divindade não podia viver sempre conosco, mas nós, lhe imitávamos a presença.
Aos primeiros albores da manhã fechávamos todos os pesados postigos de nossa velha casa, acendiamos um par de círios, fortemente perfumados, que emitiam uma luz fraca e pálida. Graças a ela, mergulhávamos nossas almas nos sonhos, líamos, escrevíamos, ou conversávamos, até que o relógio nos advertisse da chegada da verdadeira escuridão. Então, saía pelas ruas, de braço dado, continuando a conversa do dia, ou vagando por toda parte, até hora avançada, à procura, entre as luzes desordenadas e as sombras da

populosa cidade, daquelas inumeráveis excitações cerebrais que a tranqüila observação pode proporcionar.

Em tais ocasiões, não podia deixar eu de notar e de admirar em Dupín (embora a rica idealidade de que era ele dotado a isso conduzisse, como era de esperar) certa habilidade analítica peculiar. Parecia, também, sentir acre prazer no exercitá-la, senão mais exatamente em exibi-la, e não hesitava em confessar a satisfação disso lhe provinha.Dizia-me, com vanglória e com uma risadinha escarninha, que a maioria dos homens tinha para ele janelas no coração, acompanhando geralmente tal afirmativa de provas diretas e bem surpreendentes de seu profundo conhecimento de minha própria pessoa.

Seus modos, nesses momentos, eram frios e abstratos; seus olhos tinham uma expressão vaga, ao passo que sua voz, geralmente de belo timbre de tenor, elevava-se agudamente, num tom que seria insolente, não fosse a ponderação e inteira segurança da enunciação. Observando- lhe esses modos, muitas vezes fiquei a meditar sobre a velha filosofia da Alma Dupla, e divertia-me com a idéia de um duplo Dupin: o criador e o analista.

Não se suponha, do que acabo justamente de dizer, que estou circunstanciando algum mistério, ou escrevendo algum romance. O que descrevi na pessoa desse francês foi simplesmente o efeito de uma inteligência excitada, ou talvez doentia, mas um exemplo melhor da natureza de suas observações na época em questão.

Passeávamos, certa noite, por uma comprida e suja rua, nas vizinhanças do Palais Royal. Estando, aparentemente ambos nós, ocupados com os próprios pensamentos, havia já uns quinze minutos que nenhum dos dois dizia uma só sílaba. Subitamente, Dupin pronunciou as seguintes palavras:

- A verdade é que ele é mesmo um sujeito muito pequeno e daria mais para o Théâtre des Variétés.

Não pode haver dúvida alguma a respeito - respondi, inconscientemente , e sem reparar, a princípio (tão absorto estivera em minha meditação), a maneira extraordinária pela qual as palavras de meu companheiro coincidiam com o objeto de minhas reflexões. Um instante depois dei-me conta do fato e meu espanto não teve limites.

- Dupin - disse eu, com gravidade -, isto passa as raias de minha compreensão. Não hesito em dizer que estou maravilhado e mal posso dar crédito a meus sentidos. Como é possível que soubesse você que eu estava pensando em...

Aqui me detive, para certificar-me, sem sombra de dúvida, se ele realmente sabia em quem pensava eu.

- Em Chantilly - disse ele. - Por que parou? Não estava você justamente a pensar que o tamanho diminuto dele não se adequava à representação de tragédias?

Era esse precisamente o assunto de minhas reflexões. Chantilly era um antigo sapateiro-remendão da Rua São Diniz, que, fanático pelo teatro, atrevera-se a desempenhar o papel de Xerxes, na tragédia de Crébillon, do mesmo nome, tendo por isso merecido críticas violentas.

- Diga-me, pelo amor de Deus - exclamei -, qual foi o processo... se é que há algum... que o capacitou a sondar o íntimo de minha alma.

Eu estava, na verdade, mais surpreso do que desejava parecer.

- Foi o fruteiro - respondeu meu amigo - quem levou você à conclusão de que o remendador de solas não tinha bastante altura para o papel de Xerxes et id genus omne.(e para nenhum de sua classe N.T.)

- O fruteiro?! Você me assombra! Não conheço fruteiro de espécie alguma.

- O homem que lhe deu um encontrão quando entramos nesta rua, há talvez uns quinze minutos.

Lembrei-me então que, de fato, um fruteiro, carregando na cabeça um grande cesto de maçãs, quase me derrubara acidentalmente, quando havíamos passado da Rua C*** para a avenida em que nos achávamos. Mas o que tivesse isso que ver com Chantilly é o que eu não podia compreender.

Não havia em Dupin uma partícula sequer de charlatanice.

- Vou explicar - disse ele -, e, para que você possa compreender tudo claramente, vamos primeiro retroceder, seguindo curso de suas meditações, desde o momento em que lhe falei até o do encontrão com o tal fruteiro. Os elos mais importantes da cadeia são estes: Chantilly, Órion, Dr. Nichols, Epicuro, a estereotomia, as pedras da rua, o fruteiro.

Há bem poucas pessoas que não tenham, em algum momento de sua vida, procurado divertir-se; remontando os degraus pelos quais atingiram certas conclusões particulares de suas idéias. Esta ocupação é, não poucas vezes, cheia de interesse e o que a experimenta pela primeira vez fica admirado diante da aparente distância ilimitada e da incoerência que há entre o ponto de partida e a chegada. Qual não foi, pois, o meu espanto, quando ouvi o francês falar daquela maneira, e não pude deixar de reconhecer que ele havia falado a verdade.

Continuou:

- Estávamos conversando a respeito de cavalos, se bem lembro, justamente antes de deixar a Rua C***... Foi o último assunto que discutimos. Ao cruzarmos na direção desta avenida, um fruteiro, com um grande cesto sobre a cabeça, passando a toda pressa à nossa frente, lançou você de encontro a um monte de pedras, empilhadas no lugar onde estão consertando o calçamento. Você pisou em uma das pedras soltas, escorregou, torceu levemente o tornozelo, pareceu aborrecido ou contrariado, resmungou uma palavras, voltou-se para olhar o monte de pedras e depois continuou a caminhar em silêncio. Não estava particularmente atento ao que você fazia, mas é que a observação se tornou para mim, ultimamente, uma espécie de necessidade.

Você manteve os olhos fixos no chão, olhando com expressão mal-humorada os buracos e sulcos do pavimento (de modo que você continuava pensando ainda nas pedras), ate' que alcançamos a pequena Travessa Lamartine, que foi calçada, a título de experiência, com tacos de madeira solidamente reajustados e fixos. Ali, sua fisionomia se iluminou e, percebendo que seus lábios se moviam, não tive duvida em que você murmurava a palavra " estereotomia", termo demasiado pedante que se aplica a essa espécie de calçamento. Sabia que você não podia dizer consigo mesmo a palavra "estereotomia" sem vir a pensar em átomos e portanto teorias de Epicuro. Como não faz muito tempo que discutimos este assunto, lembro-me haver mencionado quão singularmente, embora muito pouco notado , as vagas conjeturas daquele nobre grego tinham tido confirmação com a recente cosmogonia nebular, e vi que você não que não erguesse os olhos para a grande nebulosa de Órion, coisa que eu esperava , você não deixaria de fazer. Você olhou,

pois, para cima e tinha então a certeza de haver acompanhado estritamente o fio de suas idéias. Naquela crítica ferina que apareceu a respeito de Chantilly, ontem, no Musée, o satirista, fazendo algumas maldosas alusões à mudança de nome do remendão ao calçar coturnos, citou um verso latino, a respeito do qual temos tantas vezes conversado. Refiro-me ao verso:Perdidit antiquum litera prima sonum. (a antiga palavra perdeu sua primeira letra N.T.)

Eu havia lhe explicado a você que este verso aludia a Órion, que antigamente se escrevia Urion, e, por causa de certa mordacidade ligada a esta explicação, estava eu certo de que você não poderia tê-la esquecido. Era, portanto, bem claro que você não deixaria de combinar as duas idéias de Órion e Chantilly. Que você as havia combinado vi pela espécie de sorriso que lhe pairou nos lábios. Pensou na imolação do pobre remendão. Até então estivera você a caminhar meio curvado, mas naquele momento você se endireitou, ficando bem espigado, a toda a altura. Certifiquei-me então de que estivera pensando na pequena estatura de Chantilly. Neste ponto, interrompi suas meditações para observar que, como, de fato, era ele um sujeito muito baixo, o tal Chantilly daria melhor para representar no Théâtre des Variétés.

Pouco tempo depois disto, estávamos lendo uma edição vespertina da Gazette des Tribunaux quando os seguintes parágrafos detiveram nossa atenção:

CRIMES EXTRAORDINÁRIOS

Esta manhã, cerca das três horas, os moradores do bairro de São Roque foram despertados do sono por sucessivos gritos aterrorizadores, provindos, ao que parecia, do quarto andar duma casa da Rua Morgue, da qual eram únicos inquilinos uma tal Sra. L'Espanaye e sua filha, a Srta. Camila L'Espanaye. Depois de certa demora, ocasionada pela infrutífera tentativa de penetrar na casa pela maneira habitual, foi a porta arrombada com um pé-de-cabra, oito ou dez vizinhos entraram, em companhia de dois gendarmes,. A esse tempo, já haviam cessado os gritos, mas, ao subir o grupo o primeiro lanço de escada, ouviram-se duas ou mais vozes, ásperas, em colérica disputa, quais pareciam provir da parte mais alta da casa. Alcançado o segundo andar, também esses sons cessaram e tudo ficou em completo silêncio.

O grupo espalhou-se, a correr quarto por quarto. Ao chegarem a um grande quarto, da parte de trás, no quarto andar (cuja porta foi arrombada, por se achar fechada a chave, por dentro), o espetáculo que se apresentou à vista dos presentes os encheu não só de assombro como de horror.O aposento apresentava a mais selvagem desordem, com a mobília partida e jogada em todas as direções. Havia apenas uma armação de cama, cujas roupas e colchão tinham sido arrancados e lançados no meio do quarto.

Sobre uma cadeira via-se uma navalha, manchada de sangue. Na chaminé encontravam-se duas ou três longas e espessas mechas de cabelo humano grisalho, também sujas de sangue e parecendo terem sido arrancada pela raiz. Espalhados no chão, quatro napoleões, um brinco de topázio, três grandes colheres de prata, três pequenas, de metal d'Alger, e duas bolsas contendo cerca de quatro mil francos em ouro. As gavetas duma escrivaninha, ao canto, estavam abertas, e tinham sido, ao que parecia, saqueadas, embora ainda contivessem muitos objetos. Um pequeno cofre de ferro foi descoberto debaixo do colchão e não da armação da cama. Estava aberto e com a chave ainda na fechadura. Continha apenas umas poucas cartas velhas e outros papéis de pequena importância.

Não se viam sinais da Sra. L'Espanaye, mas, tendo sido notada uma quantidade insólita de fuligem na estufa, deu-se uma busca na chaminé, e (horrível de contar-se!) dela se retirou o cadáver da filha, de cabeça baixo. Fora ali introduzido, à força, pela estreita

abertura, até uma altura considerável. O corpo ainda estava quente. Ao examiná-lo, notaram-se numerosas escoriações, causadas, sem dúvida, pela violência com que fora metido na chaminé e depois dela retirado. O rosto apresentava muitas arranhaduras profundas e na garganta viam-se negras equimoses e fundas marcas de unhas como se a vítima tivesse sido mortalmente estrangulada.

Depois de cuidadosa investigação de todos os aposentos da casa, sem nenhuma outra descoberta, o grupo encaminhou-se para um pequeno pátio calçado que havia atrás da casa, e lá encontrou o cadáver da velha, com a garganta tão cortada que, ao tentar-se levantar o corpo, a cabeça caiu. Tanto o corpo como a cabeça estavam terrivelmente mutilados, sendo que aquele mal conservava qualquer aparência humana. Segundo parece, não se descobriu até agora nenhum indício revelador de tão horrível mistério.

O jornal do dia seguinte trazia estes novos pormenores.

A TRAGÉDIA DA RUA MORGUE

Muitas são as pessoas que têm sido interrogadas a respeito deste tão extraordinário e terrível caso, mas nada do que até agora se sabe pode lançar luz sobre ele. Damos abaixo todos os depoimentos prestados à polícia:

PAULINA DUBOURG, lavadeira, depõe que conhecia ambas as vítimas há já três anos, tendo lavado para elas durante esse período. A velha e sua filha pareciam viver em boa harmonia, mostrando-se muito afetuosas uma para a outra. Eram boas pagadoras. Nada podia informar a respeito do modo e dos meios de viver delas. Acredita que a Sra. L'Espanaye exercesse a profissão de adivinha, para manter-se Dizia-se que tinha dinheiro guardado. Nunca encontrou qualquer outra pessoa na casa, quando ia buscar roupa para lavar ou entregá-la. Está certa de que elas não tinham empregada. Parece que a casa tinha mobília apenas no quarto andar.

PEDRO MOREAU, vendedor de fumo, depõe que estava habituado a vender pequenas quantidades de fumo e de rapé à Sra. L'Espanaye, havia quase quatro anos. Nasceu nas vizinhanças e sempre residiu ali. A morta e sua filha ocupavam a casa onde os cadáveres foram encontrados há mais de seis anos. Antigamente, lá residira um joalheiro, que sublocava os quartos de cima a várias pessoas. A casa era de propriedade da Sra. L'Espanaye. Descontente com os estragos feitos na casa pelo inquilino, mudou para lá, recusando porém, a alugar qualquer outra parte da casa. A velha era um tanto caduca. A testemunha vira a filha umas cinco ou seis vezes durante aqueles seis dias. As duas levavam uma vida excessivamente reclusa e dizia-se que tinham dinheiro. Ouvira de alguns vizinhos que a Sra. L'Espanaye tirava sortes mas não acredita nisso. Nunca viu qualquer outra pessoa entrar na casa, a velha e sua filha, um carregador, uma ou duas vezes, e um médico.

Oito, dez. outros vizinhos depuseram a mesma coisa. Ninguém se referiu a freqüentadores da casa. Não se conhece a existência de parentes vivos da Sra. L'Espanaye e de sua filha . Os postigos das janelas da frente raramente se abriam. Os das de trás estavam sempre fechados, exceto as do grande e sombrio aposento do quarto andar. A casa não era muito velha e estava em boas condições.

ISIDORO MUSET, gendarme, depõe que foi chamado para o caso, cerca das três horas da madrugada, e encontrou umas vinte ou trinta pessoas tentando penetrar na casa. Foi forçada a porta, afinal, com uma baioneta e não com um pé de cabra. Não teve grande dificuldade em abri-la, por ser de duas folhas e não ter ferrolhos nem em cima nem embaixo. Os gritos continuaram até que a porta foi forçada e então cessaram subitamente. Pareciam alarido de uma pessoa, ou de várias pessoas, em grande agonia,

gritos altos e prolongados, nem curtos, nem rápidos. A testemunha subiu as escadas. Ao alcançar o primeiro patamar, ouviu duas vozes em forte e colérica altercação, uma delas rouca, a outra mais aguda, bastante estranha aliás. Conseguiu distinguir algumas palavras da primeira, que eram dum francês. Não era positivamente voz de mulher. Pôde ouvir as palavras sacré e diable. A voz aguda era de um estrangeiro. Não podia garantir fosse voz de homem ou de mulher. Não entendeu o que dizia, mas acha que estavam falando espanhol. O estado do quarto e dos corpos foi descrito pela testemunha tal como o fizemos ontem.

HENRIQUE DUVAL, vizinho, de profissão ourives, depõe que foi um dos que primeiro entrou na casa. Corrobora o testemunho de Muset, em geral. Logo que forçaram a entrada, tornaram a fechar a porta, para impedir que a multidão entrasse, pois se havia juntado baStante gente bem depressa, não obstante a hora matinal. A voz aguda, pensa a testemunha, era de um italiano. Com certeza não era de francês. Não podia afirmar fosse voz de homem. Podia ser de mulher. Não conhece a língua italiana. Não pôde distinguir as palavras mas está convencido, pela entonação, que era um italiano quem falava. Conhecia a Sra. L'Espanaye e sua filha. Conversava com ambas freqüentemente. Tinha certeza de que a voz aguda não era de nenhuma das vítimas.

ODENHEIMER, dono dum restaurante. Esta testemunha apresentou-se espontaneamente para depor. Como não fala francês, foi interrogado por meio interprete. É natural de Amsterdão. Passava diante da casa, quando ouviu os gritos que duraram alguns minutos, uns dez provavelmente. Eram gritos longos e fortes, verdadeiramente terríveis e aflitivos. Foi um dos que entraram na casa. Confirma os depoimentos anteriores, exceto em um ponto. Tinha certeza de que a voz aguda era de um homem e dum francês. Não pôde perceber as palavras pronunciadas. Eram fortes e rápidas, desiguais, parecendo exprimir, ao mesmo tempo, medo e cólera. A voz era áspera, mais áspera que estridente. Não se podia dizer mesmo que fosse aguda. A voz grossa repetiu por diversas vezes: sacré, diable e uma vez Mon Dieu!

JULIO MIGNAUD, banqueiro, da firma Mignaud & Filho, da Rua Deloraine. É o Mignaud pai. A Sra. L'Espanaye possuía algumas propriedades. Havia oito anos abrira uma conta em sua casa bancária. Fazia freqüentes depósitos de pequenas somas. Nunca retirara quantia alguma, até três dias antes de sua morte, quando, em pessoa, sacou a soma de 4 000 francos. O pagamento foi feito em ouro e o dinheiro levado à casa dela por um empregado do banco.

ADOLFO LE BON, empregado de Mignaud & Filho, depõe que no dia em questão, pela manhã, acompanhou a Sra. L'Espanaye à sua casa, levando a quantia de 4000 francos em duas bolsas. Quando a porta se abriu, apareceu a Srta. L'Espanaye, que tomou de suas mãos uma das bolsas, enquanto a velha o aliviava da outra. Cumprimentou então e retirou-se. Não viu pessoa alguma na rua naquela ocasião. É uma travessa muito solitária.

GUILHERME BIRD, alfaiate, depõe que fazia parte do grupo que entrou na casa. É inglês. Reside em Paris há dois anos. Foi dos primeiros a subir as escadas. Ouviu as vozes que discutiam. A voz grossa era dum francês. Pode perceber algumas palavras, mas não consegue lembrar-se de todas. Ouvi nitidamente sacré e Mon Dieu. Parecia no momento haver o barulho de pessoas lutando, barulho de peleja e de coisas quebradas. A voz aguda era bastante forte, mais alta do que a voz grossa, Tem certeza que não era voz de inglês. Parecia ser de alemão. Talvez fosse voz de mulher. Não compreende o alemão.

Quatro das testemunhas acima mencionadas, tendo sido novamente rogadas, depuseram que a porta do quarto em que foi encontrado o corpo da Srta. L'Espanaye estava fechada por dentro quando o grupo chegou. Estava tudo em completo silêncio, não se ouvindo

gemidos, nem ruídos de qualquer espécie. Ao ser forçada a porta, não se viu ninguém. As janelas, tanto as da frente como as de trás do quarto, estavam descidas. e firmemente aferrolhadas por dentro. Uma porta, entre os dois quartos, estava fechada, mas não aferrolhada. A porta que dava passagem do quarto para o corredor estava fechada, com a chave por dentro. Um quartinho, na frente da casa, no quarto andar, na extremidade do corredor, tinha a porta aberta, de par em par. Esse compartimento estava cheio de camas velhas, caixas e coisas semelhantes. Foram cuidadosamente removidas e rebuscadas, Não ficou uma polegada da casa que não tivesse sido rigorosamente examinada. As chaminés foram limpas, abaixo e acima. A casa tem quatro andares, com mansardas. No teto, um alçapão estava pregado com toda a firmeza, parecendo não ter sido aberto há anos. O tempo decorrido entre o rumor das vozes em disputa e o arrombamento da porta do quarto foi diversamente afirmado pelas testemunhas. Algumas dizem que foi de três minutos. Outros afirmam terem sido cinco. Abriu-se a porta com dificuldade.

AFONSO GARCIO, agente de funerais, depõe que reside na Rua Morgue. É natural da Espanha. Foi um dos que entraram na casa. Não subiu as escadas. É nervoso e estava apreensivo com as conseqüências da agitação. Ouviu as vozes que altercavam. A voz grossa era de um francês. Não pôde distinguir o que se dizia. A voz aguda era de um inglês, tem certeza disto. Não compreende a língua inglesa, mas julga pela entonação.

ABERTO MONTANI, confeiteiro, depõe que se achava entre os primeiros que subiram as escadas. Ouviu as vozes que questionavam. A voz grossa de um francês. Percebeu várias palavras. Quem falava parecia estar repreendendo. Não entendeu as palavras pronunciadas pela voz aguda. Falava depressa e irregularmente. Acha que era uma voz de russo. Confirma os testemunhos dos outros. É italiano. Nunca conversou com um russo.

Várias das testemunhas, ao serem reinterrogadas, afirmam que as chaminés de todos os aposentos do quarto andar são demasiado estreitas para deixar passar um ser humano. As chaminés foram limpas com vassouras cilíndricas semelhantes às usadas pelos limpadores de chaminés. Essas vassouras foram passadas de cima a baixo, em todos os canos da casa. Não há nenhuma passagem atrás por onde alguém pudesse ter descido enquanto os vizinhos subiam as escadas. O corpo da Srta. L'Espanaye estava tão firmemente comprimido dentro da chaminé que só pôde ser retirado graças aos esforços unidos de quatro ou cinco do grupo.

PAULO DUMAS, médico, depõe que foi chamado para ver Os cadáveres ao amanhecer. Jaziam ambos então sobre o enxergão, no quarto onde foi encontrada a Srta. L'Espanaye. O cadáver da moça estava bastante machucado e escoriado. Para explicar este aspecto bastava o fato de ter sido metido à força chaminé adentro. A garganta estava grandemente esfolada Havia numerosas arranhaduras profundas justamente por baixo do queixo, bem como uma série de manchas lívidas, produzidas evidentemente pela pressão de dedos. O rosto estava horrivelmente exangue e os olhos saltados. A língua havia sido parcialmente cortada. Descobriu-se uma grande equimose na boca do estômago, produzida, ao que parece, pela pressão dum joelho.Na opinião do Dr. Dumas, a Srta. L'Espanaye foi estrangulada por uma ou várias pessoas desconhecidas.

O cadáver da mãe estava horrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna direita e do braço estavam quase esmigalhados. A tíbia esquerda, bastante lascada, bem como todas as costelas do lado esquerdo. Todo o corpo mortalmente machucado e arroxeado. Não era possível dizer como haviam sido infligidas aquelas lesões. Uma pesada clave de madeira, ou uma larga barra de ferro, uma cadeira, qualquer arma larga, pesada e obtusa poderiam ter produzido tais resultados, se manejadas pelas mãos dum homem excepcionalmente forte. Com tal arma, nenhuma mulher poderia dar golpes semelhantes. A cabeça da vitima, quando vista pela testemunha, estava inteiramente separada do

corpo e também grandemente esfacelada. A garganta fora evidentemente cortada com algum instrumento bastante afiado, provavelmente uma navalha.

ALEXANDRE ETIENNE , cirurgião, foi chamado pelo Dr. Dumas para examinar os corpos. Confirma o testemunho e as opiniões do Dr. Dumas. Nada mais de importância foi elucidado, embora muitas outras pessoas tenham sido interrogadas. Jamais fora cometido em Paris crime tão misterioso e apavorante em todos os seus pormenores, se é que se trata mesmo dum crime. A polícia se acha inteiramente às cegas, fato insólito em casos dessa natureza. Não há, portanto, nem sombra dum indício aparente.

A edição vespertina do jornal informava que reinava ainda a maior excitação no bairro de S. Roque , que a casa em questão fora novamente rebuscada, com todo o cuidado, haviam-se feito novos interrogatórios das testemunhas, mas tudo sem resultado. Uma nota de última hora, porém, mencionava que Adolfo Le Bon tinha sido detido e preso, embora nada parecesse incriminá-lo , além dos fatos já pormenorizados.

Dupin parecia mostrar-se excepcionalmente interessado pelo curso do processo; pelo menos assim deduzia eu de seus modos, pois nenhum comentário fazia. Foi somente depois da notícia da prisão de Le Bon que ele perguntou qual a minha opinião a respeito dos crimes. Apenas pude concordar com toda Paris, que os considerava um mistério insolúvel. Não via eu quais os meios possíveis para descobrir uma pista do criminoso.

- Não devemos julgar os meios - disse Dupin - por esse arcabouço de interrogatório. A polícia de Paris, tão enaltecida pela sagacidade, é apenas astuta e nada mais. Não há método em seus processos, além do método do momento. Faz vasta exibição de medidas, mas, não raras vezes, estas se adaptam tão mal aos objetivos propostos, que nos vem à memória M. Jourdain pedindo sa robe de chambre... pour mieux entendre la musique.(seu roupão...para melhor entender a música N.T.) Os resultados a que chegam são surpreendentes, em geral, mas, na maior parte, são devido a simples diligência e atividade. Quando estas qualidades são inúteis seus planos falham. Vidocq, por exemplo, era bem perspicaz e perseverante. Mas sem intelecto educado, equivocava-se continuamente, pela intensidade mesma de suas investigações. Enfraquecia sua visão, por aproximar demasiado o objeto. Podia ver, talvez, um ou dois pontos com uma clareza maravilhosa, mas, ao assim fazer, perdia necessariamente de vista o caso em seu conjunto total.

- Tal é o que acontece quando se é demasiado profundo. A verdade não está sempre dentro dum poço. Acredito mesmo, no que concerne aos conhecimentos mais importantes, que ela se encontra invariavelmente à superfície. A profundidade jaz nos vales onde a buscamos, e não no alto das montanhas onde é encontrada. As formas e origens dessa espécie de erro tipificam-se bem na contemplação dos corpos celestes. Lançar um olhar rápido para uma estrela, olhá-la obliquamente, voltando para ela as partes exteriores da retina mais suscetíveis às impressões de luz que as interiores, é contemplar a estrela nitidamente, é apreciar perfeitamente o seu brilho, que se vai esmaecendo, justamente, na proporção em que dirigimos nossa visão em cheio sobre ela. Neste último caso, maior número de raios luminosos incidem sobre o olho, mas no primeiro há uma capacidade mais refinada de compreensão. Graças a uma profundeza indevida confundimos e enfraquecemos o pensamento e é mesmo possível fazer Vênus esvanecer-se no firmamento com um exame demasiado prolongado, demasiado concentrado ou demasiado direto.

- Quanto a estes crimes, examinemo-los nós mesmos, antes de formular uma opinião a seu respeito. Uma investigação nos servirá de entretenimento (achei este termo, assim aplicado, um tanto estranho, mas nada disse) e, além disso, Le Bon certa vez me prestou

um obséquio, pelo que lhe sou grato. Iremos ver o local dos crimes com nossos próprios olhos. Conheço G***, o chefe de polícia não teremos dificuldade em obter a necessária permissão.

A permissão foi concedida e seguimos imediatamente para a R. Morgue. É ela uma dessas miseráveis travessas que ligam a Rua Richelieu à Rua São Roque. Foi à tardinha que lá chegamos, pois o bairro fica a distância bem grande daquele em que residíamos. Descobrimos a casa, pois ainda havia muita gente a mirar-lhe os postigos fechados, numa curiosidade inútil, da calçada fronteira. Era uma casa parisiense comum, com um saguão, tendo a um lado nicho envidraçado, com uma janelinha corrediça, indicando o cubículo do porteiro. Antes de entrar, andamos pela rua, demos volta por uma passagem, e depois, dando outra volta, passamos por trás do edifício. Enquanto isso, ia Dupin examinando toda a vizinhança, bem como a casa, com minudentíssima atenção, para a qual não encontrava eu possível objetivo.

Arrepiando caminho, voltamos de novo à frente da casa, tocamos a campainha e, tendo exibido nossas credenciais, deram-nos entrada os policiais lá de guarda. Subimos as escadas e entramos no quarto onde fora encontrado o cadáver da Srta. L'Espanaye e onde jaziam ainda ambas as mortas. A desordem existente no quarto havia sido conservada, como de costume em tais casos. Nada descobri, além do que havia sido descrito na Gazette des Tribunaux. Dupin examinou minuciosamente tudo sem excetuar os corpos das vítimas. Depois passamos ao outro quarto e ao pátio. Um gendarme acompanhava todos os nossos passos. O exame nos teve ocupados até o escurecer, quando regressamos. De volta para casa, meu companheiro se deteve um instante na redação de um dos jornais.

Já tive ocasião de dizer que os caprichos de meu amigo eram múltiplos e que eu "Os respeitava". Deu-lhe na veneta evitar qualquer conversa a respeito do crime até quase o meio-dia do dia seguinte. Então me perguntou, de súbito, se eu havia observado qualquer coisa de peculiar no teatro do crime.

Havia algo na sua maneira de acentuar a palavra peculiar que me fez estremecer, sem saber por quê.

- Não, nada de peculiar - disse eu -, nada mais afinal do que vimos descrito no jornal.

- A Gazette - replicou ele -, ao que me parece, não penetrou em todo o horror insólito do crime. Mas ponhamos de parte opiniões ociosas desse jornal. Parece-me que este mistério é considerado insolúvel pela razão mesma que o torna mais fácil de resolver quero dizer, pelo caráter excessivo de seus aspectos. A policia parece estar confusa, diante da aparente ausência de motivo, não pelo próprio assassínio, mas pela atrocidade do assassínio. Perturba-a também a aparente impossibilidade de conciliar o fato das vozes ouvidas a discutir com o fato de não se ter encontrado, lá em cima, a não ser o cadáver da Srta. L'Espanaye e de não haver meios de saírem do quarto os assassinos sem serem vistos pelas pessoas que subiam escadas. A selvagem desordem do quarto, o cadáver metido, de cabeça para baixo, dentro da chaminé, a terrífica mutilação do cadáver da velha, todas estas considerações, como as que acabo de mencionar e outras que não preciso citar, bastaram para paralisar as faculdades e desorientar por completo a tão gabada perspicácia dos agentes do Governo. Caíram no erro comum, mas grosseiro, de confundir o insólito com o abstruso. Mas é por esses desvios do plano com que a razão tateia seu caminho, se é que existe, na procura da verdade. Em investigações como a que nos ocupa agora o que importa não é perguntar: "que se passou?", mas "que se passou que já não se tenha passado antes?". De fato, a facilidade com que eu chegarei, ou já cheguei, à solução deste mistério está na razão direta de sua aparente insolubilidade aos olhos da Policia.

Contemplei meu interlocutor, emudecido de espanto.

- Estou agora à espera - continuou ele, olhando para a porta de nosso apartamento -, estou agora à espera de uma pessoa que embora não seja a autora daquela carnificina, deve estar implicada de certo modo, na sua perpetração. É provável que esteja inocente da parte pior dos crimes cometidos. Espero estar certo nesta minha suposição, pois é sobre ela que baseio minha expectativa de decifrar por completo o enigma. Espero o homem aqui... neste quarto... a qualquer momento. É verdade que ele pode não vir, mas há probabilidades de que o faça. Se vier, será preciso detê-lo . Aqui estão estas pistolas. Ambos saberemos como utilizá-las quando as circunstâncias o exigirem.

Tomei as pistolas, mal sabendo o que fazia, ou mal acreditando no que ouvia, enquanto Dupin continuava a falar, numa espécie monólogo.

Já me referi a seus modos abstratos em semelhantes ocasiões . Dirigia-se a mim, mas sua voz, embora sem ser forte, tinha aquela entonação comumente empregada para falar a alguém que se acha a grande distância. Seus olhos, de expressão vaga, fitavam somente a parede.

- Ficou plenamente provado - disse ele - no processo, que as vozes que altercavam não eram as das duas mulheres. Isto nos liberta de qualquer dúvida a respeito da questão de saber se a velha poderia ter antes matado a filha e depois resolvido suicidar-se. Se me refiro a este ponto é apenas para agir com método, pois a força da Sra. L'Espanaye teria sido insuficiente para a tarefa de meter o cadáver da filha chaminé adentro, tal como foi encontrado; e a natureza dos ferimentos em sua própria pessoa exclui por completo a idéia do suicídio. O crime, portanto, foi cometido por terceiros, cujas vozes foram ouvidas a discutir. Permita-me, agora, que lhe faça notar não todos os testemunhos referentes a estas vozes, mas o que havia de peculiar nesses testemunhos. Observou qualquer coisa de característico neles?

Observei que, enquanto todas as testemunhas concordavam em atribuir a um francês a voz grossa, discordavam bastante a respeito da voz aguda, ou, como disse uma delas, a voz áspera.

- Isto é o próprio testemunho - disse Dupin - mas não a característica do testemunho. Você nada observou de particular. Contudo havia algo a observar-se. As testemunhas, como nota você, concordam a respeito da voz grossa. Foram nisso unânimes. Mas a respeito da voz estridente, a particularidade é não a de terem discordado , mas a de terem-na atribuído, todos aqueles que a tentaram descrever, a um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês, a um estrangeiro. Cada um deles está certo de que não era a voz de um conterrâneo. Cada um a compara com a voz dum individuo que se expressa numa língua desconhecida. O francês supõe que é a voz dum espanhol e "poderia ter entendido algumas palavras, se soubesse espanhol". O holandês sustenta que a voz era de um francês, mas está provado que "como não fala francês esta testemunha foi interrogada por meio dum intérprete". O inglês pensa que a voz era dum alemão e "não compreende o alemão". O espanhol "tem certeza" que a voz era dum inglês, mas "julga pela entonação" tão somente, pois "não compreende a língua inglesa". O italiano acredita que a voz é dum russo, mas "nunca conversou com um russo". Um outro francês discorda, porém, do primeiro e positiva que a voz era dum italiano, mas "não conhece a língua italiana", e como o espanhol, "está convencido pela entonação".

- Pois bem, bastante estranha deve ter sido essa voz para produzir testemunhas tão dessemelhantes, uma voz em cujas entonações representantes das cinco grandes potências da Europa não puderam reconhecer nada que lhes fosse familiar! Você poderá

dizer que talvez tenha sido a de um asiático, ou a de um africano. Mas estes não são numerosos em Paris. Sem negar, porém, esta possibilidade, chamarei, agora, simplesmente sua atenção para três pontos. Uma das testemunhas diz que a voz era "mais áspera que estridente". Duas outras dizem que ela era "rápida e desigual". Nenhuma palavra, nenhum som que se assemelhasse a uma palavra foi enunciado pelas testemunhas, como inteligível.

- Não sei - continuou Dupin - que impressão pude até aqui causar na sua mente, mas não hesito em dizer que as exatas deduções que decorrem desta parte dos depoimentos, a que diz respeito às vozes grossas e estridentes, são por si mesmas suficientes para engendrar uma suspeita que poderá encaminhar todo o curso ulterior da investigação do mistério. Digo "deduções exatas", mas meu pensamento não está plenamente expresso. Quero dar a entender que as deduções são as únicas aceitáveis e que a suspeita surge inevitavelmente delas como o único resultado possível. Qual seja essa suspeita, porém, não o direi ainda. Desejo apenas que você concorde comigo que ela foi suficientemente forte para dar uma forma definida, uma tendência positiva ás investigações a que procedi no quarto.

- Transportemo-nos, em imaginação, àquele quarto. Que procuraremos em primeiro lugar? Os meios de evasão utilizados pelos assassinos. Não é demais dizer que nenhum de nós dois acredita em fatos sobrenaturais. A Sra. e a Srta. L'Espanaye não foram mortas por espíritos. Os autores da façanha eram seres materiais e escaparam materialmente. Mas como? Felizmente, só há uma maneira de raciocinar a respeito deste ponto, e esta maneira deve conduzir-nos a uma decisão definitiva. Examinemos, um a um, os possíveis meios de evasão.

- É claro que os assassinos se achavam no quarto onde foi encontrada a Srta. L'Espanaye, ou, pelo menos, no quarto contíguo, quando as testemunhas subiram as escadas. Portanto, é somente naqueles dois aposentos que temos de procurar as saídas. A polícia arrancou os soalhos, revistou o forro e o reboco das paredes, em todos os sentidos. Nenhuma saída secreta podia ter escapado a essa busca. Mas não acreditando nos olhos dela, examinei com os meus próprio. Não havia, de fato, nenhuma saída secreta. Ambas as portas que davam dos quartos para o corredor estavam solidamente fechada, com as chaves por dentro.

- Voltemos às chaminés. Estas, embora de largura comum, até uns dois metros e meio a três acima da lareira não dão passagem, em toda a sua extensão, ao corpo dum gato grande. A impossibilidade de fuga pelas saídas já indicadas sendo dessa forma absoluta, só nos restam as janelas. Pelas do quarto da frente ninguém poderia ter passado sem ser visto pela multidão que estacionava na rua. Os assassinos devem ter passado, pois, pelas do quarto de trás. Ora, chegados a esta conclusão da maneira inequívoca por que fizemos, não nos cabe, como raciocinadores, rejeitá-la por causa de aparentes impossibilidades. Só nos resta provar que estas aparentes "impossibilidades" não são realmente "impossíveis".

- Há duas janelas no quarto. Diante de uma delas não há móveis que a obstruam e está plenamente visível. A parte inferior da outra está oculta pela cabeceira da pesada armação de cama que se acha encostada à parede. Achou-se a primeira janela solidamente fechada por dentro. Resistiu aos maiores esforços dos que tentaram erguê-la. À esquerda de seu caixilho, haviam furado um grande buraco com verruma e nele meteram um grosso prego, quase até a cabeça. Examinando-se a outra janela, encontrou-se prego igual e de igual maneira enfiado. Não teve êxito tampouco a vigorosa tentativa de levantar esse caixilho. A polícia estava, pois, inteiramente certa de que a evasão não se dera naquela direção. E, em conseqüência, achou que era desnecessário retirar os pregos e abrir as janelas. Meu exame foi um tanto mais minucioso e isto pela razão que já expus,

isto é, porque sabia que era ali que se devia provar que todas as aparentes impossibilidades não eram realmente "impossíveis".

- Continuei a raciocinar assim a posteriori. Os assassinos escaparam por uma daquelas janelas. Assim sendo, não poderiam ter fechado por dentro os caixilhos tal como foram encontrados, consideração que pôs ponto, pela sua evidência, à investigação da policia nesse sentido. Contudo os caixilhos estavam trancados. Deviam, pois, poder fechar-se por si mesmos. Não havia fugir a esta conclusão. Dirigi-me à janela desimpedida, com alguma dificuldade retirei o prego e tentei levantar o caixilho. Resistiu a todos os meus esforços, como já esperava. Tinha agora a certeza de que havia uma mola oculta e a comprovação de minhas deduções me convenceu de que minhas premissas eram pelo menos corretas, por misteriosas que me parecessem ainda as circunstâncias relativas aos pregos. Uma busca cuidadosa logo revelou a mola oculta. Premi-a e, satisfeito com a descoberta, abstive-me de levantar o caixilho.

- Tornei a colocar o prego no lugar e observei-o atentamente. Uma pessoa, passando por aquela janela, podia tê-la fechado e a mola teria entrado em ação. Mas o prego não poderia ter sido reposto. A conclusão era clara e mais uma vez limitava o campo de minhas investigações. Os assassinos deviam ter escapado pela outra janela. Supondo, pois, que fossem as mesmas as molas de cada caixilho, como era provável, deveria encontrar-se uma diferença entre os pregos, ou, pelo menos, na maneira pela qual estavam fixos. Subindo ao enxergão da cama, examinei atentamente a segunda janela. Passando a mão por trás da cabeceira, logo encontrei e calquei a mola, que era, como eu tinha suposto, idêntica à outra. Examinei depois o prego. Era tão grosso como o outro e parecia estar fixo da mesma maneira, enfiado quase até a cabeça.

- Você há de dizer que fiquei embaraçado, mas se pensa assim é porque não entendeu a natureza das deduções. Para usar uma frase esportiva, não estivera nem uma vez "em falta". O faro nem por um instante se perdera. Não havia falha em um elo sequer da cadeia. Tinha rastreado o segredo até seu derradeiro resultado... e este resultado era o prego. Tinha ele, como disse, sob todos os aspectos, a mesma aparência de seu companheiro da outra janela. Mas este fato era uma absoluta nulidade (por mais concludente que parecesse ser), quando comparado com a consideração de que ali, naquele ponto, terminava o fio condutor. "Deveria haver algum defeito naquele prego", disse comigo mesmo. Peguei-o e a cabeça, com cerca de um quarto de polegada da espiga, ficou-me nos dedos. O resto da espiga estava no buraco feito com verruma onde se havia quebrado. A fratura era velha (pois suas extremidades mostravam-se incrustadas de ferrugem) e parecia ter sido causada por um golpe de martelo, que introduziu parte da cabeça, do prego no alto da beira do caixilho. Voltei a colocar, então, com todo o cuidado, a parte da cabeça a orifício donde a havia retirado e sua semelhança com um prego perfeito era completa, pois não se via a fratura. Apertando a mola, levantei levemente o caixilho algumas polegadas; a cabeça do prego subiu com o caixilho, permanecendo fixa no seu lugar. Fechei a janela e a semelhança com um prego completo tornou-se de novo total.

- Este enigma estava até aqui resolvido. O assassino escapara pela janela que se abria sobre a cama. Quer aquela se tivesse fechado por si mesma, após a saída dele (ou talvez fechada de propósito,) havia ficado segura pela mola. E foi a retenção desta mola que a polícia tomara, por engano, como sendo a do prego, considerando dessa forma desnecessária qualquer investigação ulterior.

- A questão seguinte é saber como o assassino conseguiu descer. Neste ponto, dei-me por satisfeito com o passeio dado com você; em torno do edifício. A pouco mais de metro e meio da janela em questão, corre um condutor de pára-raios. Era impossível que alguém pudesse, daquele condutor, alcançar a janela, nem tampouco nela entrar. Observei,

porem, que os postigos do quarto andar eram daquele feitio especial que os carpinteiros parisienses chamam ferrades, tipo raramente empregado nos nossos dias, mas visto com freqüência nas casas bem velhas de Lião e Bordéus. Têm o formato duma porta comum (porta simples e não de duas bandeiras mas a metade inferior é gradeada, ou trabalhada em forma de gelosia, permitindo assim excelente ponto de pega para as mão No caso presente, os tais postigos têm bem um metro e pouco largura. Quando os vimos da retaguarda da casa, estavam ambos semi-abertos, isto é, formavam ângulos retos com a parede. É provável que a polícia, tanto como eu mesmo, tenha examinado a parte de trás da casa, mas se assim fez, ao olhar aquelas ferrades na linha de sua largura (como deve ter feito), não tenha percebido essa grande largura, ou, pelo menos, deixou de tomá-la na devida consideração. De fato, assim convencida de que nenhuma fuga poderia ter-se dado por ali, naturalmente limitou-se a um exame muito superficial.

- Era, porém, evidente para mim que, se o postigo pertencente à janela da cabeceira da cama estivesse escancarado até à parede ficaria a cerca de sessenta centímetros do condutor do pára-raio Era também evidente que, por meio dum grau insólito de atividade e de coragem, poder-se-ia, com ajuda do condutor, efetuar a entrada pela janela. Chegado a esta distância de quarenta e cinco centímetros (estamos supondo o postigo completamente aberto), um ladrão poderia agarrar-se firmemente às grades. Largando depois o condutor, colocando os pés firmemente contra a parede e lançando-se vivamente, poderia ter feito girar o postigo, fechando-o, e, se imaginarmos a janela aberta no momento, poderia mesmo ter-se atirado dentro do quarto.

- Desejo que tenha bem em conta na mente que me referi a um grau bem insólito de atividade como requisito para o êxito de proeza tão audaciosa e tão difícil. É minha intenção mostrar-lhe, primeiro, que a coisa podia ter-se efetivamente realizado e em segundo lugar, e principalmente, quero gravar-lhe no espírito o caráter extraordinaríssimo, quase sobrenatural mesmo, da agilidade necessária para executá-la.

- Você dirá, decerto, usando a linguagem da lei, que "para esclarecer o caso" eu deveria antes dar menos valor que insistir na exata estimativa da energia exigida no caso. Talvez seja esta a praxe legal, mas não é a que segue a razão. Meu objetivo último é apenas a verdade. Meu propósito imediato é levar você a justapor essa bastante insólita energia de que acabo justamente de falar aquela voz bastante característica, estridente (ou áspera) e irregular , a respeito de cuja nacionalidade nem duas pessoas se encontram de acordo, e em cuja pronúncia não se conseguiu perceber e palavra articulada.

A estas palavras se formou na minha mente uma idéia vaga e semi informe do que queria Dupin dar a entender. Pareceu-me à borda da compreensão, sem poder, no entanto, compreender como se encontram, às vezes, os homens à beira da lembrança, sem que consigam afinal recordar. Meu amigo continuou a argumentar:

- Você está vendo que passei da questão do modo de saída para o modo de entrada. Era minha intenção sugerir a idéia de que ambas foram realizadas da mesma maneira e pelo mesmo lugar. Voltemos agora ao interior do quarto. Examinemos todas as particularidades ali. Segundo disseram, as gavetas da cômoda foram saqueadas, embora muitas peças de roupa ainda permanecessem dentro delas. A conclusão aqui é absurda. É uma simples conjetura, muito tola aliás, e só isto. Como haveremos de saber que as peças encontradas nas gavetas não eram todas as que se continham antes nas gavetas? A Sra. L'Espanaye e sua filha viviam uma vida excessivamente retirada, não recebiam visitas, raramente saiam, não precisando, portanto, de mudar muitas vezes de roupa. As que foram encontradas eram pelo menos de tão boa qualidade como quaisquer outras que aquelas senhoras provavelmente possuíam. Se um ladrão tivesse tirado algumas, por que não levou as melhores, por que não levou todas? Numa palavra: por que abandonou ele quatro mil francos em ouro, para embaraçar-se com uma trouxa de roupa? O dinheiro foi

abandonado. Quase toda a soma mencionada pelo Sr. Mignaud, o banqueiro, foi descoberta em bolsas jogadas no chão. Faço, pois, empenho de afastar de seu pensamento a disparatada idéia do "interesse", engendrada nos miolos da polícia, por aquela parte dos depoimentos que fala do dinheiro entregue à porta da casa. Coincidências dez vezes tão notáveis como esta a entrega de dinheiro e o crime cometido dentro de três dias, após seu recebimento) acontecem a todos nós a qualquer hora de nossas vidas, sem mesmo atrair uma momentânea atenção. As coincidências, em geral, são obstáculos no caminho daquela classe de pensadores que têm sido educados no desconhecimento da teoria das probabilidades, essa teoria com a qual estão em dívida os mais gloriosos resultados da pesquisa humana, para maior glória do saber. No presente caso, se o dinheiro tivesse sido levado, o fato de sua entrega três dias antes teria formado algo mais do que uma coincidência. Viria corroborar a idéia do interesse. Mas, nas circunstâncias reais do caso, se tivermos de supor que o ouro foi o móvel do ataque, devemos também imaginar que esse assassino não passa dum maluco indeciso, que abando ao mesmo tempo seu ouro e seu interesse.

- Mantenha agora alerta no espírito os pontos para os quais lhe chamei a atenção: aquela voz característica, aquela agilidade incomum e aquela ausência surpreendente de motivo em um crime tão singularmente atroz como este, e passemos a analisar a própria carnificina. Eis uma mulher morta, estrangulada por força manual e metida numa chaminé de cabeça para baixo. Assassinos comuns não empregam semelhantes processos de homicídio. Ainda menos dispõem dessa forma do assassinado. Nesta maneira de meter o cadáver chaminé adentro, há de você convir que houve algo de excessivamente exagerado algo totalmente irreconciliável com nossas noções habituais de ação humana, mesmo quando supomos seus atores os mais depravados dos homens. Pense também quão grande há de ter sido aquela força que pôde enfiar o cadáver para dentro duma abertura de modo tão potente que as forças unidas de muitas pessoas quase não foram suficientes para retirá-lo para baixo!

- Voltemos agora a outros indícios do emprego de tão espantosa força. Na lareira foram encontradas espessas mechas de cabelo bastante espessas mesmo, de cabelo grisalho. Tinham sido arrancados pelas raízes. Sabe bem você que grande força é necessária para arrancar, dessa forma, da cabeça, mesmo apenas vinte trinta cabelos juntos. Você viu as mechas em questão tão bem quanto eu. Suas raízes (horrendo espetáculo!) mostravam, aderidos fragmentos da carne do couro cabeludo, certamente arrancados em prodigiosa força que se empenhou em desarraigar talvez meio milhão de cabelos duma vez. A garganta da velha foi não simplesmente cortada, mas a cabeça totalmente separada do corpo; o instrumento utilizado foi uma simples navalha. Desejo que repare também na brutal ferocidade dessas façanhas. Não falarei das equimoses do corpo da Sra. L'Espanaye. O Dr. Dumas e seu digno auxiliar o Sr. Etienne, declararam que elas foram produzidas por algum instrumento contundente e até aqui estes cavalheiros estão bem certos. O instrumento contundente foi claramente a pedra de calçamento do pátio sobre a qual a vítima caíra da janela que abria sobre a cama. Esta idéia, por mais simples que possa agora parecer escapou à polícia, pela mesma razão por que escapou a largura do postigos, por isso que, graças à circunstância dos pregos, sua percepção se fechara hermeticamente, contra a possibilidade de terem alguma vez abertas as janelas.

- Se agora, em adendo a todas estas coisas, tiver você devidamente refletido na estranha desordem do quarto, teremos chegado a um ponto tal que se podem combinar as idéias duma agilidade espantosa, de uma força sobre-humana, de uma ferocidade brutal, de uma carnificina sem motivo, dum horrível grotesco, absolutamente extra-humano, e duma voz de tom estranho aos ouvidos de homens de muitas nações e privada de qualquer enunciação distinta e inteligível.

- Que resulta então de tudo isso? Qual a impressão que lhe causei à imaginação?

Senti um arrepio na carne quando Dupin me fez a pergunta.

- Foi um louco - disse eu - o autor dessa proeza...algum maníaco furioso, escapado duma vizinha casa de saúde.

- Sob alguns aspectos - replicou ele - a sua idéia não é despropositada. Mas as vozes dos loucos, mesmo nos seus mais ferozes paroxismos, nunca se enquadram com aquela voz característica ouvida nas escadas. Os loucos pertencem a alguma nação, e têm sua língua, e, embora incoerentes nas suas palavras, têm sempre a coerência da pronunciação das palavras. Além disso, o cabelo dum louco não é igual ao que agora tenho nas mãos. Desembaracei este pequeno tufo de cabelos dos dedos rigidamente cerrados da Sra. L'Espanaye. Diga-me, que pensa disto?

- Dupin! - disse eu, completamente transtornado. - Este cabelo é o mais extraordinário possível, não é cabelo humano.

- Não afirmei que fosse - disse ele. - Mas, antes de decidirmos este ponto, quero que você lance um olhar para este pequeno esboço que tracei aqui neste papel. É um desenho fac-similado daquilo que foi descrito, em certo trecho do processo, como "negras equimoses e fundas marcas de unhas" na garganta da Srta. L'Espanaye, e em outro (pelos Srs. Dumas e Etienne) como uma "série de manchas lívidas, produzidas evidentemente pela pressão de dedos".

- Você perceberá - continuou meu amigo, desenrolando o papel a mesa diante de nós - que este desenho dá a idéia dum punho firme e seguro. Não há sinais de que os dedos tenham escorregado. Cada dedo manteve - possivelmente até a morte da vítima - o terrível arrocho primitivo, moldando-se na carne. Procure, agora, colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respectivas marcas que está vendo.
Minha tentativa não deu resultado.

- É possível que não estejamos fazendo a experiência bem direito - disse ele. - O papel está estendido numa superfície plana, mas a garganta humana é cilíndrica. Aqui está um rolo de pau cuja circunferência é quase a duma garganta. Enrole o desenho nele e tente a experiência de novo.

Fiz o que ele disse, mas a dificuldade foi mesmo mais evidente do que antes.

- Isto - disse eu - não é marca de mão humana.

- Leia agora - replicou Dupin - esta passagem de Cuvier. Era uma história anatômica, minuciosa e geralmente descritiva dos grandes orangotangos fulvos das ilhas da India Oriental. A estatura gigantesca, a prodigiosa força e atividade, a ferocidade selvagem e as faculdades de imitação desses mamíferos são bem conhecidas de todos. Compreendi imediatamente todo o horror do crime.

- A descrição dos dedos - disse eu, ao terminar a leitura - concorda exatamente com seu desenho. Vejo que nenhum animal, a não ser um orangotango da espécie aqui mencionada, poderia ter deixado marcas semelhantes às que você traçou. Este tufo de cabelos fulvos é também idêntico ao do animal de Cuvier. Mas não me é possível compreender as particularidades desse espantoso mistério. Além disso, foram ouvidas duas vozes que discutiam, e um delas era inquestionavelmente a dum francês.

- É verdade e você há de lembrar-se de uma expressão, atribuída quase unanimemente, no processo, a essa voz; a expressão Mon Dieu! Estas palavras, nas circunstâncias

presentes, foram justamente caracterizadas por uma das testemunhas (Montani, o confeiteiro) como uma expressão de repressão ou advertência. Sobre estas duas palavras, portanto, baseei solidamente minhas esperanças duma plena solução do enigma. Um francês tinha conhecimento do crime. É possível - e na verdade é muito mais que provável que estivesse inocente de qualquer participação nesse caso sangrento ali ocorrido. Pode ser que o orangotango se tenha escapulido de suas mãos. Talvez o tenha acompanhado até o quarto, mas sob as perturbadoras circunstâncias que se seguiram, é bem possível que ainda não o tenha recapturado. Está ainda às soltas. Não continuarei com estas conjeturas - pois não tenho direito de dá-lhes outro nome -, visto como as sombras de reflexão que lhe servem de base não têm a suficiente profundeza para serem apreciadas pela minha própria razão, e tanto mais quanto não pretendo torná-las inteligíveis à compreensão de outra inteligência. Chamá-las-emos, pois, de conjeturas, e a elas nos referiremos como tais. Se o francês em questão for, de fato, como eu suponho, inocente dessa atrocidade, este anúncio que na noite passada, quando voltávamos para casa, deixei na redação de Le Monde (jornal dedicado a interesses marítimos e bastante procurado pelos marinheiros trá-lo-á até nossa casa. Entregou-me um jornal, onde li:

AGARRADO

No Bosque de Bolonha, ao amanhecer do dia... do corrente (a manhã do crime), achou-se um enorme orangotango fulvo da espécie de Bornéus. O proprietário (que se sabe ser um marinheiro pertencente a um navio maltês) pode reaver o animal de novo se apresentar identidade satisfatória e pagar algumas despesas pela captura e conservação . Procurar no n.0. da Rua... Bairro de são Germano... terceiro andar.

- Como é possível - perguntei - saber você que o homem é um marinheiro e pertence a um navio maltês?

- Não sei - disse Dupin. - Não tenho certeza disso. Aqui está todavia, um pedacinho de fita, que, pela sua forma e seu aspecto gorduroso, foi evidentemente usada para atar o cabelo de uma dessas caudas de que tanto se orgulham os marinheiros. Além disso este nó é daqueles que poucas pessoas, a não serem marinheiros, podem dar e é característico dos malteses. Apanhei a fita ao pé do condutor do pára-raios. Não podia ter pertencido a nenhuma das mortas.

Ora, se depois de tudo eu me tiver enganado em minhas deduções desta fita, isto é, que o francês era um marinheiro pertencente a um navio maltês, nenhum dano causei dizendo o que disse no anúncio. Se estiver certo, teremos ganho um grande ponto. Sabendo-se embora inocente do crime, o francês naturalmente hesitará em responder ao anúncio e reclamar o orangotango. Raciocinará desta forma: "Estou inocente. Sou pobre. Meu orangotango vale muito. Para alguém na minha situação e uma verdadeira fortuna. Por que hei de perdê-lo por causa de tolas apreensões de perigo? Ele está aqui, ao meu alcance. Foi encontrado no Bosque de Bolonha, a bem grande distância do teatro daquela carnificina. Como se poderá suspeitar que um animal feroz tenha sido o autor do fato? A polícia anda às cegas. Não conseguiu encontrar o menor indício. Ainda mesmo que descobrisse a pista do animal, seria impossível provar que eu tenho conhecimento do crime, ou inculpar-me por causa desse conhecimento. E acima de tudo, lá sou conhecido. O anunciante me designa como possuidor do animal. Não tenho certeza até onde pode chegar o limite de seu conhecimento. Se desistir de reclamar uma propriedade de tão grande valor, atrairei, afinal, suspeitas sobre o bicho. Não seria de boa política atrair a atenção nem sobre mim nem sobre o animal. Responderei ao anúncio, reaverei o orangotango e conservá-lo-ei preso até que esse caso fique liquidado."

No mesmo instante, ouvimos passos que subiam a escada.

- Esteja pronto - disse Dupin. - Pegue as pistolas, mas não use, nem as mostre, sem que eu mesmo lhe faça sinal.

A porta de entrada fora deixada aberta e o visitante entrara sem ir na campainha e já havia subido muitos degraus da escada.

Agora, porém, parecia hesitar. Depois, ouvimo-lo descer. Já Dupin rápido para a porta, quando o ouvimos que de novo subia. Não voltou uma segunda vez, mas marchou com decisão e bateu à porta de nosso quarto.

- Entre! - disse Dupin, em tom alegre e cordial.

Um homem entrou. Era evidentemente um marinheiro, alto, robusto e musculoso, com certa expressão fisionômica atrevida, não de todo desagradável. Seu rosto, grandemente queimado de sol, mostrava-se oculto, mais da metade, pelas suíças e pelos bigodes. Trazia consigo um bengalão de carvalho, mas parecia não ter outra arma. Cumprimentou um tanto desajeitadamente e nos deu boa tarde num francês que, apesar dum leve sotaque suíço, revelava ainda bastante sua origem parisiense.

- Sente-se, meu amigo - disse Dupin. - Creio que veio buscar o orangotango. Palavra de honra, quase lhe invejo a posse dele. Um animal notavelmente belo e com certeza de alto preço. Qual a idade que lhe dá?

O marinheiro respirou fundamente, com o ar dum homem aliviado de alguma carga intolerável, e depois respondeu, em seguro:

- Não me é possível dizê-lo , mas creio que não terá mais quatro ou cinco anos de idade. Está aqui com o senhor?

- Oh, não! Não tínhamos meios de conservá-lo aqui. Está numa cocheira de aluguel, pertinho daqui, na Rua Dubourg. Poderá ir buscá-lo pela manhã. Tem sem dúvida as provas de que é seu dono?

- Sim, senhor, todas elas.

- Tenho pena de separar-me dele - disse Dupin.

- Não é minha intenção deixar sem recompensa todo o trabalho que o senhor tomou - disse o homem. - Nem podia pensar isso. Quero, pois, gratificá-lo pela descoberta do animal.. . isto dar-lhe uma recompensa que seja razoável, é claro.

- Está bem - replicou meu amigo -, tudo isto é muito jus na verdade. Deixe-me pensar... Que pedirei? Oh! Vou dizer-lhe! Minha recompensa será esta: o senhor me dará todas informações que conhece a respeito daqueles crimes da Rua Morgue. Dupin pronunciou as últimas palavras num tom bastante baixo e sossegado. Com a mesma calma, também, caminhou até a porta, fechou-a e guardou a chave no bolso. Depois tirou uma pistola do peito e colocou-a, sem a menor agitação, em cima da mesa.

O rosto do marinheiro ficou tão vermelho como se estive sendo sufocado. Deu um salto e agarrou o bengalão, mas logo depois deixou-se cair na cadeira; tremendo violentamente e com uma palidez de morto. Não disse uma palavra. Tive pena dele, do mais íntimo do coração.

- Meu amigo - disse Dupin, com tom bondoso -, o senhor está-se alarmando sem necessidade. Tranqüilize-se. Não pretendemos fazer-lhe mal algum. Dou-lhe minha

palavra, como cavalheiro e como francês, que não é intenção nossa prejudicá-lo. Sei perfeitamente que está inocente das atrocidades cometidas na Rua Morgue. Isto não quer dizer, porém, que o senhor não esteja, até certo ponto, nelas implicado. Pelo que já disse, deve saber que tive meios de informação a respeito desse assunto, meios com os quais o senhor jamais poderia ter sonhado. Agora a coisa está neste pé: o senhor nada fez que pudesse ter evitado.. . nada, certamente, o torne culpado. Nem mesmo culpado de roubo, quando pode ter roubado impunemente. Nada tem a ocultar. Não tem motivos para esconder o que quer que seja. Por outro lado, o senhor é obrigado, por todos os princípios da honra, a confessar tudo que sabe. Acha-se preso, no momento, um homem inocente, inculpado do crime, cujo autor o senhor pode indicar.

O marinheiro havia recuperado sua presença de espírito, em grande parte, enquanto Dupin pronunciava estas palavras, mas sua primitiva atitude audaciosa havia desaparecido.

- Valha-me Deus! - disse ele, depois de breve pausa. - Dir-lhe-ei tudo quanto sei a respeito desse negócio. Mas não espero que o senhor acredite nem na metade do que eu disser. Seria um louco na verdade, se tal pensasse. Contudo, estou inocente e quero desabafar-me, ainda mesmo que isto me custe a vida.

O que ele narrou foi em suma o seguinte: Fizera recentemente uma viagem ao Arquipélago Indico. Um grupo de que fazia parte embarcou em Bornéu e penetrou no interior da ilha, em viagem de recreio. Ele e um companheiro haviam capturado o orangotango. Morrendo este seu companheiro, ficou ele como único dono do animal. Depois de grandes complicações causadas pela intratável ferocidade de seu cativo durante a viagem de regresso, conseguiu afinal, alojá-lo com segurança em sua própria casa em Paris onde, para não atrair a desagradável curiosidade de seus vizinhos conservou-o cuidadosamente encerrado, até curá-lo duma ferida no pé, ocasionada por um estilhaço a bordo do navio. Estava francamente decidido a vendê-lo.

De volta a casa, após uma farra com alguns marinheiros, na noite ou antes, na manhã do crime, encontrou o animal no seu próprio quarto, aonde penetrara, vindo do cubículo contíguo, em que o mantinha seguramente preso, como pensava. Tendo uma navalha na mão e todo ensaboado, estava sentado diante dum espelho procurando barbear-se, coisa que decerto vira seu dono fazer anteriormente, observando-o pelo buraco da fechadura do cubículo. Aterrorizado por ver tão perigosa arma de posse dum animal tão feroz e tão bem capaz de fazer uso dela, o homem, por alguns instantes, ficou sem saber o que fazer. Estava, porém, acostumado a aquietar o bicho, mesmo nos seus acessos mais ferozes, por meio dum chicote, e a este recorreu no momento. À vista do chicote, o orangotango saltou através da porta do quarto, desceu as escadas, por uma janela infelizmente aberta, precipitou-se na rua. Desesperado, o francês seguiu o macaco, que, de navalha em punho, parava de vez em quando, voltava-se e gesticulava para seu perseguidor, até que este estivesse bem perto dele. Então lhe escapulia. A perseguição continuou desta forma por muito tempo .

As ruas estavam profundamente silenciosas, pois eram quase três horas da madrugada. Ao passar por uma travessa, na retaguarda da Rua Morgue, a atenção do fugitivo foi atraida por uma luz que brilhava na janela aberta do quarto da Sra. L'Espanaye, quarto andar de sua casa. Correndo para o prédio, percebeu o condutor do pára-raios, trepou por ele com inconcebível agilidade, agarrou o postigo que estava escancarado contra a parede e nele se apoiando, saltou diretamente à cabeceira da cama. Tudo se passou em menos dum minuto. O postigo de novo foi aberto com um pontapé do orangotango, ao entrar no quarto.

Entrementes, o marinheiro sentia-se ao mesmo tempo alegre e perplexo. Tinha fortes esperanças, agora, de recapturar o animal, pois dificilmente escaparia ele da armadilha em que se metera, exceto pelo pára-raios, onde poderia ser apanhado ao descer. Por outro lado, havia bastantes motivos de ansiedade pelo que poderia ele fazer dentro da casa. Este último pensamento apressou ainda mais o homem a continuar a perseguição do fugitivo. Num condutor de pára-raios sobe-se sem dificuldade, mormente quando se é marinheiro. Mas ao chegar à altura da janela, situada bem distante à sua esquerda, viu-se obrigado a parar. O mais que podia fazer era colocar-se de modo a conseguir uma vista do interior do quarto. Mas o que viu quase o fez largar as mãos donde se agarrava tamanho foi o horror que dele se apossou. Fora então que se ouviram dentro da noite aqueles horríveis gritos que despertaram do sono os habitantes da Rua Morgue. A Sra. L'Espanaye e sua filha de camisola, tinham estado ocupadas, ao que parece, em arrum alguns papéis no cofrezinho de ferro, já mencionado, e que havia arrastado para o meio do quarto. Estava aberto e seu conteúdo jazia ao lado, no soalho. As vítimas deviam estar sentadas de costas para a janela e, pelo tempo decorrido entre a entrada do animal e os gritos, parece provável que ele não tenha sido logo percebido. A batida do postigo fora de certo atribuída ao vento.

Quando o marinheiro olhou para dentro do quarto, o gigantesco animal havia agarrado a Sra. L'Espanaye pelos cabelos (que estavam soltos, pois os estivera penteando) e manejava a navalha de torno de seu rosto, imitando os movimentos dum barbeiro. A filha, jazia prostrada e sem movimento. Havia desmaiado. Os gritos e o esforços da velha (durante os quais o cabelo lhe fora arrancado da cabeça) tiveram o efeito de mudar em cólera as intenções provavelmente pacificas do orangotango. Com um golpe rápido de se braço musculoso, quase separou-lhe a cabeça do corpo. A vista do sangue transmudou a cólera do animal em frenesi. Rilhando os dentes, de olhos chispantes, saltou sobre o corpo da moça e enterrou-lhe as terríveis garras na garganta, mantendo o arrocho até de deixá-la morta. Seus olhares errantes e ferozes caíram, neste momento, sobre a cabeceira da cama, por cima da qual se avistava, justamente, o rosto de seu dono, petrificado de horror. A fúria do animal, que sem dúvida se lembrava ainda do terrível chicote, converteu-se instantaneamente em medo. Cônscio de haver merecido castigo, pareceu desejoso de ocultar suas sangrentas façanhas e pôs-se a saltar dentro do quarto, em angustiosa agitação nervosa, derrubando e quebrando os móveis ao pular e arrastando a roupa de cama de cima do enxergão. Por fim, agarrou primeiro o cadáver da filha e meteu-o pela chaminé acima, tal como foi encontrado e depois o da velha, que ele imediatamente atirou pela janela.

Quando o macaco se aproximou da janela, com sua carga mutilada, o marinheiro se abaixou, apavorado, para o condutor pára-raios, e antes deslizando que descendo, com cuidado, por ele correu para casa imediatamente, temendo as conseqüências da carnificina e abandonando, com satisfação, no seu terror, qualquer interesse pela sorte do orangotango. As palavras ouvidas pelas pessoas que subiam as escadas eram as exclamações de horror e pavor do francês, misturadas com os uivos diabólicos da besta-fera.

Quase mais nada tenho a acrescentar. O orangotango deve ter escapado do quarto pelo condutor de pára-raios justamente antes de ter sido arrombada a porta. Deve ter fechado a janela ao passar por ela. Deve ter sido recapturado mais tarde pelo próprio dono, obteve por ele elevado preço, vendendo-o para o Jardim des Plantes . Le Bon foi imediatamente solto, após nossa narrativa das circunstâncias (com alguns comentários de Dupin), no gabinete do chefe de polícia. Este funcionário, apesar de sua boa disposição para com meu amigo, não podia ocultar de todo seu desgosto pelo rumo que o caso havia tomado, e de bom grado se entregava a um ou dois sarcasmos, a respeito da conveniência de cada

qual tratar de seus próprios negócios.

- Deixemo-lo falar - disse Dupin, que achou melhor não replicar. - Deixemo-lo discursar. Aliviar-lhe-á a consciência. Estou satisfeito por havê-lo derrotado no seu próprio castelo. Não obstante o fato de não haver ele logrado êxito na solução deste mistério, não é, de modo algum, coisa de tanto espanto, como ele acredita, porque, na verdade, nosso amigo chefe de polícia é um tanto sagaz demais para ser profundo. Falta suporte à sua ciência. É toda cabeça e não corpo, como os retratos da Deusa Laverna, ou, no melhor dos casos, toda cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas apesar de tudo é uma boa criatura. Gosto dele, especialmente pela sua magistral impostura, graças à qual alcançou fama de engenhoso, quero dizer, o jeito que ele tem de nier ce qui est, et d'expliquer ce qui n'est pas. (negar o que é, e explicar o que não é. Rousseau, Nouvelle Heloise.N.T.)